



FARJALLAT, Célia Siqueira. SOS da Santa Casa. Correio Popular, Campinas, 29 jun. 1993.

SOS da Santa Casa

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

A Irmandade de Misericórdia de Campinas está lançando a campanha "Uma Santa Causa" para arrecadação de fundos. Os donativos serão aplicados em reformas administrativas e físicas da entidade, o que reverterá em benefício da população de Campinas e região.

Sabe-se que a Santa Casa tem capacidade para atender até 250 leitos. Atualmente atende apenas 130, mas se tudo der certo, se a campanha "Uma Santa Causa" produzir resultados, serão reativadas alas hoje fora de operação e, quando concluídas as reformas, a entidade poderá oferecer até 500 leitos à comunidade.

Estes dados devem comover os campineiros. Mesmo porque a entidade está entrelaçada à história da cidade. Quem se der ao trabalho de estudar um pouco este passado saberá que em agosto de 1860 foi nomeado vigário de Campinas, que então possuía apenas uma paróquia — a de Nossa Senhora da Conceição, servindo de igreja o antigo templo da Matriz Velha, hoje Basílica do Carmo —, o jovem sacerdote Joaquim José Vieira. Era o 15º vigário de Campinas

e, por ser pequeno e franzino, 24 anos apenas, foi logo apelidado de Vigarinho. Ele substituiu o padre Antônio Cândido de Melo (padre Melão), que era gordo e já idoso.

O primeiro donativo para as obras de Misericórdia foi feito por Manuel Proença e constou de 362 mil réis. Um dinheirão para a época! Pouco depois, em janeiro de 1870, d. Maria Custódia Pinto Nunes ofereceu 500 mil réis para o mesmo fim. A família Soares doou o terreno, e dona Maria Felicíssima de Abreu Soares, viúva do capitão comendador Joaquim José Soares de Carvalho, comprou por 4 mil réis uma quadra inteira de terreno, onde se instalou a Santa Casa.

Frei Eugênio de Mumilly fez a planta do hospital e, a pedido de José Bonifácio Campos Ferraz, depois Barão de Monte Mor, que em cumprimento de promessa queria erigir uma capela da Boa Morte, esta foi acrescentada à planta inicial. Então, o padre Vieira nomeou Diogo Benedito dos Santos Prado, o Dioguinho, para dirigir as obras. Bento Quirino dos Santos foi o tesoureiro.

Grandes festejos marcaram o lançamento da pedra funda-

mental. Primeiro houve uma *soi-re* no palacete da baronesa de Campinas, d. Maria Luísa de Souza Aranha. Depois, num domingo, 19 de novembro de 1871, às 17 horas, aconteceu o lançamento da pedra fundamental com a presença de toda Campinas. Mais tarde, em 1872, foi construído um anexo para asilo de meninas órfãs, prédio que terminou somente em 1º de agosto de 1874, em meio a festividades, apresentando-se uma orquestra regida pelo maestro Santana Gomes. O salão nobre da Santa Casa é o repositório de suas tradições, ostentando retratos dos benfeitores, que, pelo trabalho e pelos donativos, construíram ou ajudaram a manutenção da Santa Casa.

É bom rever tudo isso. É bom saber que desde 16 de agosto de 1876 já se fazia ali atendimento médico à pobreza e que tal obra que ainda atende, em média, 8 mil pacientes em pronto-socorro e em trabalho ambulatorial, não pode desaparecer de forma alguma. Contatos pelo fone 2-2310.

Célia Siqueira Farjallat é colaboradora do **Correio**